

1940: UMA REFLEXÃO SOBRE COMO A MODA E A SEXUALIDADE FEMININAS FORAM REVOLUCIONADAS.

Ewennye Rhoze Augusto Lima
Graduanda em História, UFCG
ewennye@hotmail.com

Em 1940 os conflitos armados que assolaram a década anterior chegam ao apogeu, como holocausto, e também ao seu declínio. Um ataque realizado pelo Japão em Pearl Harbor marca a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, que em contrapartida explode bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, matando milhares de civis no Japão, e supostamente precipitando o fim da guerra – afirmando incisivamente seu poder bélico, e pela primeira vez uma guerra seria vencida pelas armas, e não pelos soldados. O Japão, Alemanha e a Itália perdem as batalhas de Estalingrado, a Primeira de El Alamein, Segunda de El Alamein e de Midway. As forças aliadas invadem as praias de Normandia, na França em 6 de junho de 1944, chamado de Dia D. A Alemanha rende-se em 7 de maio de 1945. Hitler comete suicídio e Mussolini é fuzilado. Durante esse conflito as diferenças entre socialismo e capitalismo foram esquecidas, porém, com a derrota de Hitler e a ocupação da Alemanha, um novo conflito começa: a Guerra fria. Nessa mesma década Hollywood vive sua “Era de Ouro”, com mulheres como Rita Hayworth, Ingrid Bergman, Ava Gardner – ícones de sensualidade, estrelando filmes como ‘Gilda’ (1946), ‘Interlúdio’ (1946) ou ‘Os assassinos’ (1946) – sem esquecermos da primeira aparição de Marilyn Monroe em ‘Loucos de Amor’ (1949), o que lhe abriria as portas para se tornar o ícone de beleza e sensualidade feminina na década de 1950.

A Segunda Guerra Mundial na verdade trouxe soluções, pelo menos por décadas. Os impressionantes problemas sociais e econômicos do capitalismo na Era da Catástrofe aparentemente sumiram. A economia do mundo ocidental entrou em sua era de ouro; a democracia política ocidental, apoiada por uma extraordinária melhora na vida material, ficou estável; Baniu-se a guerra para o terceiro mundo. Por outro lado, até mesmo a revolução pareceu ter encontrado seu caminho parar frente. Os velhos impérios coloniais desapareceram ou logo estariam

destinados a desaparecer. Um consócio de Estados Comunistas, organizado em torno da União Soviética, agora transformada em superpotência, parecia disposto a competir na corrida pelo crescimento econômico com o ocidente. [...] Ao contrário da Grande Guerra, os ex-inimigos – Alemanha e Japão – se reintegram na economia mundial (ocidental), e os novos inimigos – os EUA e a URSS – jamais foram realmente as vias de fato.¹

Entre guerras e filmes, inúmeras mulheres comuns construía suas identidades, individuais ou de gênero. Sentiam uma imensa necessidade de libertar-se do domínio patriarcal que se arrastava por séculos, e havia sido amenizada com a Primeira Guerra Mundial e a necessidade/participação da mão de obra feminina. Porém, com a volta dos sobreviventes, as mulheres se viram novamente reclusas ao lar e as tarefas tidas por funções.

A mulher, ao vergar-se a lei patriarcal da família burguesa, torna-se um fator de reprodução da personalidade autoritária na sociedade. E torna-se, além disso, reprodutora de sua própria submissão.²

Assim, podemos ver que o feminismo se enraizava dentro de cada uma que não consentia submeter-se a aqueles padrões sociais. Agora já não se fala sobre conquistar direitos civis, mas sim de abordar sua condição de oprimida pela cultura masculina como também projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma libertação integral, que incluísse o *seu* corpo e os *seus* desejos. A autora Sandra Azerêdo em seu livro “Preconceito contra a ‘mulher’ como a teoria feminista conseguiu desconstruir inúmeros conceitos sobre as mulheres, mas como demonstra a autora, antes mesmo de construí-los e quebrá-los a prática já o fazia, onde, por exemplo, em 1949 mulheres já dirigiam carros nos EUA.

¹ Era dos Extremos, 2009, Eric Hobsbawm.

² Mães, Esposas, Concubinas e Prostitutas, 1996, Angela Mendes de Almeida.

Algumas escaparam a pecha de levianas e mal faladas, de serem chamadas de “vassourinha” ou “maçaneta”, mantendo a aparência de moça respeitável. Outras sofreram e foram abandonadas em consequência de comportamentos “indevidos ou ilícitos”.³

Eis a nova figura feminina: bebe, usa roupas masculinas e beija, antes de ser beijada, como podemos ver no filme ‘Casablanca’ (1942). Outra forma de mostrar a sua indignação diante de uma condição é se tornar escritora, o que até então ainda era resumido ao mundo das idéias masculino - em 1949, uma mulher toma consciência da alienação do feminino e denuncia com virulência, através de um estudo muito exaustivo, a dependência do segundo sexo. Essa seria Simone de Beauvoir.

Segundo alguns autores, Hollywood ajudou a construir não só comportamentos adequados como também uma identidade nacional, no início do século xx.

Regras e advertências não foram suficientes para barrar algumas pioneiras que fugiam ao padrão estabelecido. Estas transgrediam fumando, lendo coisas proibidas, explorando sua sexualidade nos bancos dos carros, discordando dos pais e... abrindo mão da virgindade e por vezes do casamento, para viver um grande amor. [...] O *segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, torna-se a bíblia das moças que se vangloriavam de “certo desgosto em viver”, aproveitando para compensá-la com prazeres.⁴

Muitos anos antes os sinais de uma revolução silenciosa podem ser percebidos: a necessidade de contrapor-se as regras vigentes, através das artes ou da dança, e houveram tantas quantas conseguiram horrorizar os padrões e tornaram-se ícones. Mas em 1940 a mulher tenta rebelar-se dentro dos carros ou dentro dos lares, mostrando-se contra o casamento ou sua própria virgindade – a idéia de pureza e resignação que Maria, mãe de Jesus e virgem mor, aparentava nos evangelhos dominicais de suas respectivas Igrejas. Assim, mostravam sua rebeldia, sua sexualidade e suas necessidades, principalmente, a partir das suas roupas.

³ Historias Intimas, 2011, Mary Del Priori.

⁴ Histórias Intimas, 2011, Mary Del Priori

Para as mulheres, em contraposição, a evolução é bastante sensível: os corpetes e as cintas recuam, cedendo espaço as calcinhas e sutiãs. As roupas se encurtam e as meias valorizam as pernas. Os tecidos mais macios revelam discretamente as linhas do corpo. A aparência física passa a depender mais do próprio corpo.⁵

E tão logo uma preocupação com o corpo feminino vem à tona. Como podemos perceber em algumas edições da revista Marie Claire – edições de alguns meses dos anos 1942, 1946 e 1947 – vemos surgir seções como a de ginástica diária, e em alguns de suas passagens o periódico é incisivo ao mostrar para suas leitoras que a mulher que quiser manter seu marido no lar, deve ser atraente. Existe também os cuidados com a beleza e a maquiagem – o batom passa de elemento das ‘croquetes’ para uma forma honesta de valorizar-se.

O corpo feminino ganhou uma visibilidade incomensurável na década de 1940, como o que também por ventura era usado sobre ele.

A roupa ou se torna funcional, prática, confortável, mesmo contra os costumes, ou valoriza o corpo, deixa adivinhar suas formas, realça-as e por vezes revela-as.⁶

Escassez e criatividade são as palavras chaves para os que desejam entender como a moda funcionava em 1940. Um exemplo disso eram as meias de seda, que devido à falta e proibição do uso desse material – que não tivesse o fim bélico – as mulheres passaram a utilizar uma tinta nas pernas, na cor carne, carne dourada e carne escura, que davam a ilusão das meias. Até mesmo a costura na parte de trás das pernas era imitada com tinta. Assim também ocorreu com os chapéus, feitos de celofane e os sapatos com solado de madeira ou cortiça, passando pela quantidade de couro que poderia ser usada nos cintos que fora reduzida, fazendo com que inúmeras peças fossem feitas de papel trançado.

⁵ Historia da Vida Privada vol. 5. 2003. Antoine Prost.

⁶ Idem.

De 1939 a 1945, a palavra de ordem foi recessão. Obviamente que a moda não ficou fora desse contexto. As roupas femininas, de fato, masculinizaram-se e a grande moda foi o uso de duas peças, para qualquer momento, fosse do dia ou da noite.⁷

Em 1941 entrara em voga o “Cartão do Vestuário”, determinador da quantidade de tecido que as francesas podiam comprar, por meio de cupons. Logo após, surge o regulamento de como as roupas deveriam ser desenhadas, a fim de economizar tecido. Eram limitados os numero de pregas e botões nos vestidos femininos; as saias justas e na altura do joelho economizavam os simples tecidos disponíveis. Juntamente com um casaco compunha a toalete feminina. A monotonia que isso criava na moda era driblada por detalhes, como debrum colorido, bolsos e golas também de outra cor. Até mesmo tecidos de decoração foram usados e a saia calça uniu beleza e praticidade para locomover-se.

Vemos que o uso de turbantes, chapéus e lenços foi de suma importância, tendo em vista que os homens novamente estavam nos campos de batalha e as mulheres voltaram a trabalhar na indústria – por motivos de segurança era necessário que os cabelos ficassem bem presos. Mas não podemos esquecer que a falta de produtos de beleza, como até mesmo profissionais que o fizesse, fazia com que as mulheres escondessem seus cabelos.

As bolsas também assumiram um valor importante, e que fosse de preferência à tira colo, pra facilitar a locomoção nas bicicletas, já que não havia meios de transportes. Ou com uma boa amplitude, de forma que coubesse uma relativa quantidade de alimentos - e assim se tornava uma questão de sobrevivência o tamanho da sua bolsa. Acompanhando o todo, os sapatos demonstraram-se mais pesados, masculinizados e com plataforma. Mais uma vez, observando a importância que Hollywood teve para propagar modas, a nossa Carmen Miranda tornou a plataforma uma de suas identidades visuais.

⁷ História da moda – uma narrativa. 2007. João Braga.

Tão explosivo quando a guerra foi o lançamento do biquíni, em 1946. O estilista francês Louis Réard criou uma roupa de banho composta por duas peças e devido ao bombardeio atômico do atol de Bikine, e não satisfeito com a ironia do nome da peça, ou a própria ironia que em tempos de recessão era necessário economizar tecido, contratou uma prostituta para desfilas com o traje numa casa de banho parisiense.

Ao findar a Segunda Grande Guerra, a indústria da moda estava muito bem estabelecida, inclusive a norte-americana, já que a guerra havia ocorrido em solo europeu. Assim, de acordo com o Fordismo surge o ‘ready to wear’ – uma maneira de produzir roupas em escala industrial, com qualidade, expressão de moda e numerações variadas de um mesmo modelo. O industrial Jean-Claude Weill mandou uma equipe francesa aos EUA em busca de respostas e ao voltarem para a França transformaram o estilo no ano de 1946, em prêt-à-porter.

Lançando um olhar curioso sobre a própria situação da França durante a ocupação, vemos a moda como uma forma de resistência, pois mesmo ocupada por nação estrangeira, o país tenta mostrar que não perde o bom gosto e a elegância, e que a vida continua, mesmo em dias de guerra. Em 1947 surge a coleção de Christian Dior, dividida entre ‘corole’ e ‘8’, que ficou mais conhecida como ‘new look’ e se opunha diretamente à silhueta marcada, durante a escassez. Foi o oxigênio que aquelas mulheres precisavam: saias amplas, com pregas e que utilizavam muito tecido, acompanhadas de luvas e chapéus, que encareciam e enriqueciam o figurino.

Essa nova moda causou em algumas mulheres o repúdio, levantando algumas questões sobre os trajes de Dior: primeiramente, o ‘new look’ seria machista, pois faz com que a mulher novamente se torne refém dos espartilhos, cintas, anáguas, barbatanas e luvas – o que eram elementos característicos do século XIX. A essas críticas, Dior respondeu que não vestia mulheres, mas as estofava. Inclusive foram organizados inúmeros piqueniques em frente a Maison Dior em protesto diante do desperdício insensível, diante das condições que a guerra havia deixado – e que mal acabaram. Tanto alarde mostra que essa coleção tocou num ponto sensível: os desejos, anseios e temores daquela sociedade tão assolada.

Desta forma, percebemos quão importante a década de 1940 foi e todos os fatos que ocorreram nela, para que pudéssemos definir comportamentos que hoje são tão simples, como uma mulher dirigindo um carro ou andando com roupas curtas, mas que um dia já foram tabus e precisaram de coragem para ser rompidos.

Observarmos e problematizarmos a nossa história faz com que percebamos quanto é interessante sermos a geração fruto de tantas mudanças. Faz com que não deixamos passar fatos tão essenciais para a história da Mulher. A sexualidade continua sendo um problema e a moda tornou-se um marco para aquelas que desejam chocar ou ao menos se verem diferentes de todas as outras. Queremos, e falo com a minha voz de mulher, termos a igualdade dos sexos. Mas não de forma total, até porque variados fatores demonstram essa impossibilidade, e sim como seres que tem o direito de ir e vir diante de suas escolhas, sem sentir o amargo da opressão, ou do desdém – da mulher que trabalha na oficina, por exemplo.

Um marco para a humanidade, para a indústria bélica, para a Europa e para a América. O ponto de referencia, onde o individuo teve finalmente sua identidade e nacionalidade formadas, a ponto de lutar pelo seu país, ou por sua sobrevivência. Mas, antes de tudo foi à década da libertação dos corpos, dos sexos e das mentes. E assim, finalmente, 1940 foi a década das mulheres.

Bibliografia

ALMEIDA, ANGELA MENDES DE. Mães, Esposas, Concubinas e Prostitutas. Rio de Janeiro, Editora Universidade Rural, 1ª Ed. 1996.

AZERÊDO, SANDRA. Preconceito contra a “mulher”. São Paulo, Editora Cortez, 1ª Ed. 2007.

BRAGA, JOÃO. História da Moda, uma narrativa. Editora Anhembi Morumbi. 7ª ed. 2008.

DEL PRIORI, MARY. Histórias Intimas. São Paulo, Editora Planeta do Brasil. 1ª Ed. 2011.

HOBBSAWN, ERIC. Era Dos Extremos, o breve século XX. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2ª Ed. 2009.

KOHLER, CARL. História do vestuário. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 3ª Ed. 2009.

POLLINI, DENISE. Breve Historia da Moda. Editora Claridade. 1ª ed. 2007.

PROST, ANTOINE. Historia da vida privada. Editora Companhia das Letras. 8ª ed. 2003.

SENAC. DN. Ritos do corpo. Rio de Janeiro, Editora Senac. 2000.